

A Filosofia no Ensino Médio: um Desafio Filosófico e Pedagógico

Dora Incontri

Jornalista, mestre, doutora e pós-doutora em Filosofia da Educação - USP.
Autora de *Filosofia, construindo o pensar* (livro didático Ed. Escala Educacional).

Alessandro Cesar Bigheto

Pedagogo, mestre em História e Filosofia da Educação - UNICAMP.
Autor de *Filosofia, construindo o pensar* (Ed. Escala Educacional).

Resumo: A atual obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio nos lança diversos desafios pedagógicos, que nos levam necessariamente a uma postura diferenciada do educador, a propostas interdisciplinares e a mudanças urgentes na própria configuração da escola.

Palavras-Chave: Filosofia no Ensino Médio, interdisciplinaridade, livro didático, projetos interdisciplinares.

Abstract: The present enforcement of Philosophy in the Middle School classes presents us with several challenges which take us necessarily to a differentiated attitude of the educator, to interdisciplinary proposals and to urgent changes in the school configuration itself.

Keywords: Philosophy in Middle School, interdisciplinarity, educational book, interdisciplinary projects.

A obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, proposta nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006), representa um resgate importante na formação do jovem brasileiro e um imenso desafio em como viabilizar essa tarefa. Sem dúvida, a pertinência deste resgate justifica-se na medida em que o pensar filosófico permite a formação de um espírito crítico, a apropriação de faculdades de comunicação e de argumentação e a aquisição de modos de interpretação da realidade, que são fundamentais para que as novas gerações possam desenvolver plenamente sua humanidade e sua cidadania. A atuação política, ética, profissional e social ganha maior consistência e significado se o sujeito tem referências da tradição filosófica e, ao mesmo tempo, aprendeu a construir sua própria visão da realidade com autonomia e consciência. Também a relação consigo mesmo e com o outro, a inserção existencial no mundo, alcançam mais maturidade quando perpassadas pelo hábito da reflexão filosófica.

Entretanto, como operacionalizar esse ensino da Filosofia? Há algumas variáveis que tornam a questão complexa. A primeira delas diz respeito à própria essência da Filosofia. O seu ensino deve se basear em livros didáticos específicos, ser apenas um debruçar-se diretamente sobre as fontes originais ou ainda um debate temático livre? Somos obrigados a questionar até que ponto a cristalização teórica de um livro congela a vida da Filosofia em si, que se dá a partir de um sujeito pensante em relação com outros, sempre inserida em um contexto existencial, social e temporal.

Outra questão não menos pertinente diz respeito à posição ideológica do professor de Filosofia. É possível, ou mesmo desejável, uma neutralidade de quem ensina? Como deve ser a postura do professor? Como não avançar rumo à doutrinação num determinado viés, sem renunciar à natural influência que um educador deve ter sobre o educando, sob pena de se abandonar a própria tarefa de educar? Essa é uma questão que, a bem da verdade, se põe em qualquer processo pedagógico, mas que ganha contornos mais fortes, quando se trata do ensino da filosofia.

Tudo isso se faz ainda mais problemático — diríamos quase dramático —, quando consideramos que os nossos alunos são adolescentes e jovens imersos em uma cultura de massa, bombardeados por imagens, que engolem apressados, sem nenhuma reflexão. A nossa sociedade, rápida, descartável e consumista, não propicia a concentração mental necessária ao ato filosófico. Então, como vencer esse abismo e fazer o jovem se interessar pela Filosofia? Como impedir que esta seja apenas letra morta, mas que tenha um significado existencial, suscitando questionamentos em relação à nossa sociedade, desinteressada em refletir sobre si mesma?

Essas são algumas questões postas para a nossa reflexão neste artigo, que não pretende, e nem poderia, dar soluções definitivas para tão intrincados desafios. Levaremos em conta as citadas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006), que são feitas num plano ideal, mas cuja aplicação está distante da nossa realidade escolar.

O educador filosofante ou o filósofo educador

Partindo do pressuposto de que:

Filosofia é um assunto que não interessa só ao especialista porque - por mais estranho que isto pareça - provavelmente não há homem que não filosofe; ou pelo menos, todo homem se torna filósofo em alguma circunstância da vida. (...) o importante é que todos nós filosofamos, e até parece que estamos obrigados a filosofar. (BOCHENSKI, 1977:21)

A Filosofia é uma necessidade do ser humano enquanto ser pensante, para que não viva apenas vegetativamente, mas consiga atribuir sentido à sua existência. Assim não se trata de considerá-la e ensiná-la como uma série de sistemas de pensamento mais ou menos interessantes, a serem mostrados num ensino passivo, em que o aluno assista a uma variedade de filósofos, conceitos, épocas e escolas, como se estivesse presenciando um desfile de idéias mortas. Esse o cuidado que devemos ter: o de não matarmos a Filosofia pelo excesso de sistematizações abstratas, distantes da realidade do indivíduo, herméticas e indigestas.

Avisam Gallo e Kohan:

“...a filosofia não é produzida numa parte e ensinada noutra, ela é sempre produzida e ensinada ao mesmo tempo. A filosofia não pode ser ensinada no sentido de ser transmitida, pela mesma razão pela qual não pode ser escrita, como diria Platão no Fedro (274c) porque ela depende de uma atitude tão vivencial e ativa do sujeito que aquele que se situa como suposto transmissor da filosofia se coloca num não-lugar filosófico. Mesmo – ou melhor, sobretudo – quando o assunto é a história da filosofia ou a filosofia de outro filósofo, a transmissão é um não-lugar da filosofia, porque ela não pode ser enfrentada externamente, como aquilo que um outro faz: ou ela se exerce, se pratica, ou se faz outra coisa. Todos os filósofos da história fizeram isto, por isso são ao mesmo tempo filósofos e educadores, os melhores ensinantes de filosofia!” (GALLO & KOHAN, 2000:182)

Consideramos assim que a primeira resposta para os dilemas expostos está na própria Filosofia: tratando-a como um modo de questionar a existência do ser humano, enraizado na realidade; superando a visão de descrição fria e monótona de sistemas filosóficos difíceis, que não dialogam com as pessoas que não foram longamente iniciadas no jargão de cada corrente.

A Filosofia nasce sempre de questões radicais, que dizem respeito à humanidade enquanto tal, e ninguém deveria se sentir excluído da capacidade de

filosofar. Assim, tratá-la em conexão com seus contextos históricos e, ao mesmo tempo, com a atemporalidade de seus temas, sempre pertinentes ao ser humano, é uma forma de aproximá-la das pessoas. É preciso mostrar, sobretudo ao adolescente e ao jovem, que a Filosofia tem perguntas e que procura respostas a respeito de problemas e situações que são sempre atuais, que lhes tocam de perto.

Obviamente que trazer a Filosofia para a vida pessoal de cada um e para a vida social do momento presente não significa ignorar o que a tradição filosófica criou no decorrer dos milênios. Porque justamente o que nos é fornecido pelos antigos filósofos é o instrumental para realizarmos um filosofar atual e consistente. O grande desafio, que devemos enfrentar, portanto, é o de atingir uma justa medida entre a história da Filosofia e a sua tematização; entre a tradição e a possibilidade de filosofarmos hoje.

Lembremo-nos que Sócrates – figura emblemática de uma atitude genuinamente filosófica, de busca permanente da verdade e de inquietação em relação ao estado da sociedade em que vivia – procurava extrair à força do diálogo, a verdade imanente nos discípulos, nas “belas e livres conversações, onde se busca a verdade com paixão e por todos os meios” (PLATÃO, 1973:79). Ele entendia que a própria capacidade de diálogo tolerante e respeitoso já é uma virtude a ser cultivada, pois, para o filósofo: “(...) nós homens, nos saímos muito melhor quando estamos juntos em obra de qualquer espécie, em qualquer teoria e pensamento...” (PLATON, 1950:126). Entendia também que, qualquer verdade que se busque ou se ache no ato de filosofar, este ato não é solitário, isolado, alienado, mas social, dialógico e engajado.

Em Sócrates, portanto, o ato filosófico é um ato pedagógico, não no sentido de transmissão de conteúdos, mas de tentativa de despertar uma consciência, não doutrinando-a nesta ou naquela certeza, mas engajando-a na sua própria construção. Assim, entende-se que apenas o educador que se engaja numa atitude filosofante, pode tornar o ensino da filosofia, uma forma de deflagrar um processo de pensar e não apenas um engolir de conteúdos estéreis.

Um dos parâmetros necessários para a realização desse intento é que o educador se comunique com o educando, de modo que ele entenda o que está sendo dito e que isso tenha algum significado para ele. A Filosofia, quando é excessivamente posta em termos técnicos, tende a ser uma tortura enfadonha para as mentes juvenis, pouco habituadas ao jargão da área. E a Filosofia desligada da realidade de quem dela se aproxima pode parecer uma divagação sem nexos.

Sem banalizações, respeitando as profundidades dos mares filosóficos, é preciso navegar com clareza pelos conceitos e pelas épocas, pelos autores e pelos problemas, sempre com uma forte ligação com o aqui e agora. Trata-se de vencer a tensão entre a consistência teórica e o acesso do educando ao conhecimento proposto. Está aí toda a arte de um legítimo ato pedagógico, em que infelizmente, muito poucos são versados.

Ainda nesta arte de fazer coincidir o ato filosófico com o pedagógico está a habilidade de se assumir honestamente as próprias posições (pois a neutralidade não existe), sem impô-las, nem mesmo sutilmente. O educador não pode se mostrar uma pessoa descomprometida, amorfa, sem convicções (embora muita gente pense hoje em dia que é proibido ou de mau gosto ter convicções). Mas não pode fazer proselitismo delas. A questão aqui é justamente manter uma relação democrática, respeitosa e íntegra em relação a outras idéias, de que o educador não partilhe: tratá-las sempre com respeito; expô-las com fidelidade, sem distorções; mostrar sempre todos os lados de um argumento ou de uma questão. Na medida em que o educador assume honesta e serenamente seus pontos de vista, sem desejo de impô-los, mostra nesta mesma atitude, a naturalidade de se ter idéias próprias e de expressá-las; na medida em que ele respeita os pontos de vista expressos pelos educandos, educa-os para o respeito ao pluralismo e à aceitação do outro.

Obviamente, isso não exige o educador de tomar partido firme em defesa de valores humanos fundamentais, influenciando seus alunos na medida de seus argumentos e, sobretudo, de seus exemplos, em prol do respeito à vida, da liberdade, da solidariedade, da integridade moral, do engajamento em transformações sociais. Kantiano ou marxista, platônico ou pós-moderno, pode da mesma forma ser um educador responsável pela semente de valores considerados, senão universais, (dentro do extremo de uma postura relativista), pelo menos socialmente úteis.

A questão do livro didático

Entendendo que o ato de filosofar nasce sempre de uma relação entre seres humanos e que a filosofia tem de lidar com a vida, poderíamos chegar à conclusão precipitada de que todo livro para o ensino da Filosofia seria uma contribuição à sua morte. Mas, feitas essas ressalvas e postas as condições para um bom trabalho de despertar uma atitude filosofante no educando, podemos sim oferecer um material didático que atue como instrumento útil para esse fim. Para isso, ele deve proporcionar um processo e lançar os leitores muito além dele mesmo. Ou seja, o livro para o ensino da Filosofia precisa deflagrar uma atividade filosofante que não se restringe a ele.

Para isso, devemos sempre nos lembrar que, junto a um livro está um professor, que tem o papel central de, na sua relação com os alunos, despertar o desejo de filosofar. A função do educador é a de mediar esse despertar de forma contagiante, segura e consistente, sem doutrinações arbitrarias. O material didático para o ensino de Filosofia deve ser, assim, suficientemente flexível e arejado, para permitir que o professor o use a seu serviço, sem ficar, no entanto, submetido a ele. Mas o livro deve ter uma consistência teórica que lhe forneça os andaimes necessários a esta construção.

A grande dificuldade neste sentido é conservar a fidelidade às idéias, dando-lhes cores vivas, sem hermetismo, às vezes até correndo o risco de simplificar termos ou fazer generalizações com fins didáticos, atando as reflexões a problemáticas que possam interessar às novas gerações, mostrando enfim a atualidade de pensamentos, que se deram em outros contextos. É claro que para isso, é preciso ter uma visão da filosofia, como algo permanente e não apenas submetida ao momento histórico. Se considerarmos que Platão e Aristóteles têm algo a nos dizer hoje, tanto quanto Foucault ou Derrida, então poderemos fazer os jovens navegar nos mares filosóficos, sem perder a bússola para casa. Assim, a proposta de um bom livro didático de Filosofia deve ser uma tentativa socrática de extrair do leitor a sua construção de pensamento, a partir de um diálogo com grandes filósofos.

Neste diálogo, até que ponto é bom introduzirmos o jovem educando no contato com as fontes diretas da filosofia, ou seja, os textos dos próprios filósofos? Assim como no campo da música erudita, se quisermos introduzir alguém na sua apreciação e no seu conhecimento, não poderemos começar com um quarteto da fase final de Beethoven, com seu refinamento inteligível apenas para iniciados; também não podemos começar o contato com textos filosóficos a partir de um texto da *Crítica da Razão Pura*, por exemplo. É preciso acostumar a mente à leitura dos filósofos, assim como é preciso acostumar os ouvidos à música clássica. Para isso, é melhor começar com textos mais leves, às vezes até de intérpretes de um determinado filósofo, embora na medida do possível, incluir também fontes diretas.

Esse tato pedagógico deve estar presente em quem escreve um livro didático e em que o manipula, pois em última análise, a intermediação cabe ao professor, que poderá sempre buscar outros textos, que não estejam contemplados na obra adotada, ou reler os que lá estejam propostos, com outra interpretação.

O caráter interdisciplinar da Filosofia

Segundo as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*:

Outra decorrência da obrigatoriedade da Filosofia é, por conseguinte, uma reflexão sobre sua especificidade e seus pontos de contato com outras disciplinas, cabendo ressaltar que, a nosso juízo, a Filosofia não se insere tão-somente na área de ciências humanas. A compreensão da Filosofia como disciplina reforça, sem paradoxo, sua vocação transdisciplinar. (2006:18)

A Filosofia estabelece relações com as diferentes áreas e disciplinas, e precisamos dela para lidar com todas as problemáticas humanas. Assim, é impossível filosofar sem nos conectarmos interdisciplinarmente com a abrangência do conhecimento humano, mesmo porque a Filosofia se pergunta até que ponto esse conhecimento tem validade.

Na medida em que não fizermos da Filosofia em sala de aula, uma abstração meramente especulativa, divorciada da vida e de outras formas de abordagem da realidade, aproximaremos o aluno do filosofar, porque ele perceberá os nexos que o ato filosófico pode ter com toda e qualquer questão: seja científica, religiosa, política, psicológica...

Para isso, é preciso em primeiro lugar, trabalhar a Filosofia mais de forma temática do que histórica, embora sempre entrelaçando contextos e informações cronológicas. O ideal é entrelaçar os temas, a contextualização histórica, o estudo de textos originais de alguns filósofos citados e referências biográficas de cada um deles. Deste modo, o aluno se aproximará da Filosofia por todos os caminhos e poderá ganhar desenvoltura na disciplina com segurança e consistência, evitando também a monotonia de uma descrição meramente cronológica de idéias. Essa estratégia didática corresponde igualmente a uma recomendação das Orientações:

É salutar, portanto, para o ensino da Filosofia que nunca se desconsidere a sua história, em cujos textos reconhecemos boa parte de nossas medidas de competência e também elementos que despertam nossa vocação para o trabalho filosófico. Mais que isso, é recomendável que a história da Filosofia e o texto filosófico tenham papel central no ensino da Filosofia, ainda que a perspectiva adotada pelo professor seja temática, não sendo excessivo reforçar a importância de se trabalhar com os textos propriamente filosóficos e primários, mesmo quando se dialoga com textos de outra natureza, literários e jornalísticos, por exemplo — o que pode ser bastante útil e instigante nessa fase de formação do aluno. (2006:27)

Para o trabalho temático, que propicia a interdisciplinaridade, pode-se usar o que chamamos de *gancho* (termo importado da área jornalística) que, neste caso, poderá deflagrar um projeto de pesquisa e debate interdisciplinar. Um *gancho* pode ser um poema, uma música, um problema matemático, um filme, uma reportagem.

O uso de outras fontes que não os textos filosóficos para uma aula de Filosofia é algo bastante comum na prática de ensino de muitos professores. Entretanto, uma coisa é tomar uma poesia ou um filme e discuti-los, tateando alguns temas filosóficos. Outra coisa é fazer dessa discussão apenas o início de um projeto bem posto e bem amarrado, que conduza o aluno a uma reflexão madura e à apropriação adequada de elementos da história da Filosofia e de propostas de grandes filósofos. Uma coisa é tangenciar a Filosofia, outra é mergulhar em suas águas, para achar pérolas.

A arte está em saber chamar a presença dos filósofos, com seus contextos e textos mais acessíveis, para um debate atual, conectado com o *gancho* em pauta; em saber trazer textos e informações de outras disciplinas que dêem uma contribuição importante para o tema. E mais ainda, na amarração final, que, de preferência, deve ser uma produção dos alunos, que traduza significativamente a abrangência do tema e as diferentes visões a respeito, incluindo reflexões pessoais.

Outro *gancho* fundamental e que quase nunca é utilizado em sala de aula – dada a obrigatoriedade do programa a que todos ficam presos – são questões propostas pelos próprios alunos. A partir de conflitos, perguntas, incômodos que eles apresentem, podemos também iniciar um processo de debate e pesquisa.¹ E é muito possível encaminhar itens do programa, relacionando-os com a questões levantadas.

Conclusão

É evidente que tudo isso que aqui delineamos são algumas possibilidades de resposta àquelas questões iniciais. Entretanto, há que se levar em conta que o contexto escolar ainda está muito longe de dar espaço para projetos pedagógicos de fato filosofantes, de fato interdisciplinares, de fato estimulantes para os alunos. A rotina aprisionante, burocrática da escola, com suas aulas fragmentadas de 50 minutos, com suas avaliações restritas, com sua divisão rígida de disciplinas, com seu ambiente arrastado de desânimo e violência, de falta de estímulo de docentes e alunos, tudo isso parece esvaziar qualquer projeto pedagogicamente promissor.

Por outro lado, se devemos pensar em mudanças (e mudanças profundas) na configuração da escola, que se mostra completamente obsoleta para as gerações do século XXI, a inserção do ensino da Filosofia pode ser uma boa oportunidade de trazer a presença de educadores engajados em transformações, de levantar idéias e promover ações que possam levar a novos caminhos.

Por sua natureza eminentemente crítica, necessariamente interdisciplinar, por sua possibilidade de provocar e desafiar, a Filosofia pode ser para a escola uma porta aberta para o futuro.

Bibliografia:

- BOCHENSKI, J. M. *Diretrizes do Pensamento filosófico*. São Paulo, EPU, 1977.
- GADOTTI, Moacir. A filosofia para crianças e jovens e as perspectivas atuais de educação. (In: KOHAN, Walter O. LEAL, Bernardina. (org.) *Filosofia para Criança em Debate*. Vol. 4 Petrópolis, Vozes, 2000.)
- GALLO, Sílvio & KOHAN, Walter Omar. *Filosofia no Ensino Médio*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- INCONTRI, Dora & BIGHETO, Alessandro César. É possível a criança filosofar? (In: *Revista Internacional d'Humanitats*. Barcelona, São Paulo: USP/ Univ. Autônoma de Barcelona, V.6, 2003) <http://www.hottopos.com/rih6/index.htm>
- _____. *Filosofia e Ética para Crianças, uma Proposta Interdisciplinar*. (In: *Videtur*, Porto/São Paulo, Universidade do Porto/USP, V. 15, 2002) www.hottopos.com/videtur15/dora.htm
- INCONTRI, Dora. *Vivências na Escola*. Bragança Paulista, Ed. Comenius, 2005.
- Orientações curriculares para o Ensino Médio. Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. v. 3.
- PLATÃO. *A República*, São Paulo, Difel, 1973, Vol. 2, 537 a, p.137
- PLATON. *Œuvres complètes*. Paris, Galimard, 1950. Vol. 1, *Protogoras*.

Recebido para publicação em 14-10-09. Aprovado em 30-10-09

¹ Já usamos essa estratégia tanto no Ensino Médio, quanto no Ensino Fundamental, com crianças a partir de 6 anos. Os resultados são bem interessantes, pela motivação dos alunos e pela amplitude das questões propostas. Ver a esse respeito o livro: INCONTRI, Dora. *Vivências na Escola*. Bragança Paulista: 2005.